O Barão de Studart e a Historiografia Cearense

RAIMUNDO GIRÃO

I

Guilherme Studart era filho de inglês.

De John William Studart, que se casou em 24 de fevereiro de 1855 com a cearense Leonísia de Castro Barbosa.

Nasceu em Fortaleza, antes de feito um ano do consórcio dos genitores, em 5 de janeiro de 1856. O primogênito, portanto.

Falecido o pai no dia exato em que comemorava o vigésimo terceiro aniversário de casamento (1878), o filho Guilherme de logo o substituiu no cargo de vice-cônsul britânico no Ceará, a princípio interinamente e, passados ano e pouco, em caráter efetivo — 25 de julho de 1879.

Já estava formado em Medicina e durante o curso ginasial aprendera fundamente a língua de Milton, o que muito veio concorrer para a sua rápida efetivação. Além do mais, aparecera ao mundo filho de cônsul, tendo sido arrolado por essa razão nos registos do Consulado como súbdito de His Majesty.

Por direito era albião e não escapou da calúnia de haver-se servido dessa qualidade para agarrar-se ao cargo paterno. Imputação sem base alguma, porque o motivo da nacionalidade não era condição imprescindível ao exercício das funções consulares.

Foi, dêsse modo, representante do govêrno da Inglater-

ra como quem melhor o tenha feito, mas apesar disso pôde e soube servir, nos rigores do dever patriótico, a terra americana em que nasceu. Nem um só instante deixou de ser brasileiro e extremadamente cearense.

Manifesta a cada passo da vida afetuoso entusiasmo ao seu cearensismo, onde quer que tivesse ensejo de falar ou escrever, rendendo ao torrão natal as mais perenes homenagens.

"Ao entranhado amor que voto ao Ceará deve atribuir-se a publicação dêste humilíssimo trabalho" — é como abre êle a introdução de seu admirável livro, talvez o seu melhor — **Notas para a História do Ceará (Segunda metade do Século XVIII)**. (1) numa de cujas páginas repete a manifestação de amor à gleba do nascimento:... "fica-me o prazer de haver descoberto nos campos obscuros da crônica vereda a mais competentes caminhadores e de ter colaborado uma vez mais para o esclarecimento de pontos ignorados do passado da terra que estremeço."

Nas "Duas Palavras" introdutórias das **Datas e Fatos para a História do Ceará** (2) é desta maneira que as conclui: "Que êste humilde tributo à bela terra de meu berço testemunhe mais uma vez os sentimentos que ela me merece".

Também é assim de coração entreaberto aos sentimentos nativos que êle escreve no antelóquio de seus **Documentos para a História do Brasil** e **especialmente do Ceará:** (3) "Nenhuma recompensa almejo. Basta para explicar o meu ato o culto que dedico à verdade e o amor que o Ceará me merece; pela verdade há muito me bato, e seus triunfos me enchem de santos transportes; pela terra do meu berço sinto-me capaz de todos os sacrifícios".

E quando, certa hora, teve de defender-se de insinuação menos justa, veementemente replicou: "O Ceará nada me de-

---

(1) Lisboa, Tipografia do "Recreio", 1892, p. 9-10

(2) Fortaleza, Tip. Studart, 1896.

(3) Fortaleza, 4 volumes, respectivamente Tip. Studart, 1904, Tip. Minerva, 1909, Idem 1910 e Idem 1921.

ve; o quase nada que por êle tenho feito e o muito que me esforçarei por fazer é resultado tão sòmente do intenso amor que voto à terra do meu berço, por cuja história tenho gasto com muito prazer meu dinheiro, tempo e saúde, sem ter recebido, aliás, subsídio de qualquer espécie nem promessas de recompensas pecuniárias" (Carta a João Câmara, datada de 24.8.902 e publicada em avulso).

Essa afeição de Studart ao Ceará é que explica a sua obra, seja qual fôr o terreno em que haja pingado o seu suor — como médico, como crente convencido da religião da caridade, como propulsor de realizações proveitosas e como historiografo — as quatro superiores facetas de sua ímpar individualidade.

I I

Na Medicina as suas atividades pautaram-se à mais correta lisura profissional e ao mais fido cumprimento das juras do seu grau.

Doutorado em dezembro de 1877 pela Faculdade da Bahia, ao fim dum curso de notas distintas, e logo depois honrado com a nomeação de Vice-Cônsul, que lhe daria bem a pecúnia do pão, teve de ceder ao chamado que lhe fêz a presidência da Província para dirigir o serviço de assistência médico-hospitalar dos retirantes da sêca de 77-79, em Maranguape e nesta capital, dando à missão de verdadeiro sacrifício e duro desconfôrto, tudo precário, perigoso e improvizado, o máximo do seu labor.

"Está cometendo verdadeiras loucuras, esquece-se da família, mata-se de fadiga no abarracamento" — escrevia assustado um dos amigos em carta à madrasta de Guilherme.

Nem uma vez só foi visto negar a sua presença aonde estivesse um enfermo dêle necessitado, nos hospistais ou na clínica particular, que mantinha em grande parte gratuita.

Êle próprio, relembrando a amargura dos inícios de seu sacerdócio, numa ocasião confessou: — Ninguém poderá cal-

cular a vida que levei nos dez primeiros anos de minha estada no Ceará; o escravo das grandes fazendas de São Paulo ou Rio de Janeiro não trabalhava mais do que eu. (1)

Para a literatura médica a sua contribuição pode ser avaliada através de muitos trabalhos acurados e comprovadamente eruditos, entre outros: — **Da Eletroterapia,** tése do curso (1877). **Ciência Médica,** artigos de propaganda (1889), **Patologia Histórica Brasileira,** sôbre a febre amarela (duas séries 1894 e 1895), **O Congresso de Tuberculose** (1905), **Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará** (memória apresentada ao 4º Congresso Médico Latino-Americano, no Rio, 1909), **Sôbre o Obituário Infantil de Fortaleza** (1913), **Cifras sôbre a Nupcialidade e Natalidade** em Fortaleza (1913), **Tuberculose e Alcoolismo,** conferência (1914), **Alcoolismo,** conferência (1916), **A Morféa em Fortaleza** (1918), **Alguns problemas em tôrno da Tuberculose e o Operariado** (1921).

I I I

Casava o seu fervor ao mister de curar a dôr física com o da sua inclinação para as curas do sofrimento moral aos influxos da caridade cristã, silenciosa e solidária, sem alardes nem ostentação, dessa que a destra faz sem a sinistra saber.

Desde jovem mostrou a pureza dos pendores altruísticos. Ainda aluno da Faculdade, já pertencia, influentemente, à Sociedade Beneficente Acadêmica, de auxílio aos estudantes pobres e a muitos e muitos acorreu com as confortações dos amigos obséquios.

No Ceará, por mais de 42 anos consecutivos — atente-se no que isto seja! — de 1889 a 1931, esteve à frente do Conselho Central Metropolitano das organizações vicentinas, sem contar-se o tempo de sua frequência a elas como simples confrade, no trabalho modesto, mas de significação eloquente, de

(1) Veja-se "Homens do Ceará — Dr. Guilherme Studart", estudo de Farias Brito, na **Rev. da Academia Cearense,** tomo II, 1897, p. 151.

repartir com os assistidos as moedas recolhidas nas **conferências** domingueiras.

Ninguém o venceu na pontualidade e no apostólico zêlo de executar as normas legadas por Frédéric Ozanam para a maior glorificação do admiràvelmente santo padre francês. Edifica a constância, a assiduidade, a devoção de Studart, por tantos e compridos anos, à instituição de S. Vicente, bem como à Santa Casa de Fortaleza, de cujas clínicas participava com um interêsse tal que parecia vaidade, pois que nos livros que escrevia punha em primeiro lugar, entre os títulos seus, o de **Médico do Hospital da Misericórdia.**

Série rica de alocuções, sempre dadas à publicidade para efeito de mais ampla divulgação dos serviços prestados pela sociedades agremiadas, testemunha a sua perfeita identificação com os ditames do amor do próximo.

"Barão de Studart, vulto inconfundível,
Tu foste um bom, discípulo perfeito
De Vicente de Paulo, o grande santo.

A memória terás imperecível,
Da gratidão será eterno o preito
Dos teus pobres, a quem amaste tanto."

O Baronato que lhe outorgou a Santa Sé, com a assinatura de Leão XIII, no Breve de 22 de janeiro de 1900, foi bem um dos prêmios da sua messe enorme de bondades. Não no pediu, deram-lh'o à revelia, porém soube êle honrar integralmente a distinção nobiliárquica. O Bispo D. Joaquim Vieira, que a solicitou, conhecia sobejamente os refolhos d'alma do ilustre varão homenageado.

I V

Se era um bom, igualmente foi um útil, indormido operário do cultivo das belas letras e das ciências.

Do seu cérebro aquecido de idéias realizadoras as mais nobres, inúmeras saíram que se concretizaram duradoiras e frutígeras.

Dominava-o a vontade de iniciar, de dar começo a novas coisas, de criar e movimentar associações e grêmios nos quais pudesse dar largas aos seus incontentamentos, ao seu mal-estar de ficar estático, contemplativo, omisso no ambiente a que faltava tudo.

Pode dizer-se que foram modelados pelos seus dedos de artista o Centro Abolicionista de 1884, o Instituto do Ceará de 1887, a Academia Cearense de Letras de 1894, a Associação Médico-Farmacêutica do Ceará de 1894, o Centro Médico Cearense de 1913, o Círculo Católico de 1913, o Círculo dos Operários Católicos de 1915, o Instituto Pasteur de 1918 e, dêste mesmo ano, a filial da Cruz Vermelha no Ceará. De iniciativa sua, a filial da Patriotic League of Briton Overseas, em 23 de fevereiro de 1915.

Colaborava sem interrupção nos jornais e algumas revistas de Fortaleza e não se cansava de proferir conferências, de escrever memórias, de tomar parte em congressos, de viajar no afã de coligir e ordenar manuscritos, cópias, dados, notícias que, afinal, vieram constituir a sua exuberante coleção documental. Chegou a montar tipografia própria só para imprimir os seus trabalhos, incessantemente produzidos.

Êle sabia do conceito de William James: — o melhor que podemos fazer da vida é consumí-la em alguma coisa mais duradoira que ela mesma.

V

"Em janeiro dêste ano (1893) achava-me eu engolfado na leitura de uns manuscritos, quase apagados pela mão do tempo, naquela formosa Biblioteca Nacional de Lisboa, tão repleta de preciosidades e tão poética de aspecto que a gente tem vontade de aí passar a vida — quando à mesa vizinha sentou-se um rapaz modesto, que sobraçava enorme maço

de papeis já cobertos de apontamentos. Durante vários dias ali encontrei o mesmo vizinho. Soube do amável e erudito bibliotecário que aquêle estudioso, sempre o primeiro a chegar e sempre o último a sair da sala reservada de trabalho, era um patrício nosso, um nortista, natural de Fortaleza, o Dr. Guilherme Studart, que estava coligindo materiais sôbre a sua terra natal."

Estas palavras são do Barão de Santana Néri, ilustre paràense que residia em Paris e vivia entregue aos estudos históricos. Daguerriotipam a existência de Studart, porque em verdade tôda ela passou o "rapaz modesto" sobraçando documentos e papéis, que a tôda a hora cobria de apontamentos e notas, sem férias nenhumas, assim desde o tempo de menino.

Segredou, uma feita, a Farias Brito a sua aversão aos brincos e lazeres infantis, aos quais preferia a leitura dos livros. De tal forma que nunca sequer ensaiara uma carreira, nem trepara numa árvore.

Vivia na obcessão do estudo e das pesquisas e o destino veio-lhe ao encontro, forrando-o muito cedo contra as preocupações do ganha-pão. Ofereceu-lhe a estrada suave da abastança e êle a aproveitou para atingir com firmeza o maravilhoso castelo dos eleitos da sabedoria.

Reputou-se ao fim o Doutor da Históriografia do Ceará. Centralizou as suas lucubrações no tirar as dúvidas, controvérsias e êrros da história do nosso passado, mediante provas literais inconcussas. A diplomática encontrou nele o mais autêntico cooperador.

Ao voltar da Bahia para Fortaleza, em 1878, trazendo já o seu indeclinável gôsto por essas procuras, deu com a historiografia cearense andando de gatinhas.

Apenas fragmentos, pequenas **memórias** ou notícias e, de mais apreciável e sistematizado, porém simples resumo, as publicações de João Brígido, que divulgara os seus **Apontamentos para a História do Cariri** no longínquo jornal "Araripe", do Crato; as do francês Pedro Théberge, isto é, as duas primeiras partes do **Esbôço Histórico sôbre a Província do Cea-**

rá (respectivamente de 1869 e 1875, Tipografia Brasileira, Fortaleza); e a de Tristão de Alencar Araripe que, oculto nas iniciais T.A.A., fizera imprimir em pequeno volume de 130 páginas (1864) a **História da Província do Ceará desde os Tempos Primitivos até 1850** (Tip. do Jornal do Recife).

Havia ainda os trabalhos de Tomás Pompeu de Sousa Brasil (Senador Pompeu), mais de caráter estatístico: — **Memória Sôbre a Estatística e Indústria da Província do Ceará** (1857, Tip. Brasileira, Fortaleza), **Memória Estatística da Provincia do Ceará sob a sua Relação Física Política e Industrial** (1858, idem,) **Memória Sôbre o Clima e Sêcas do Ceará** (1877, Tip. Nacional, Fortaleza) e o 1º e 2º tomos do **Ensaio Estatístico do Ceará** (1863 e 1864, Tip. Brasileira, Fortaleza).

Tudo isso, nada obstante, falho e rudimentar madeiramento que o futuro Barão de Studart tomaria a peito completar e transformar em ajustada e bela estrutura, auxiliado por Antônio Bezerra, Paulino Nogueira e João Perdigão de Oliveira, principalmente.

A primeira exteriorização, em letra de fôrma, dêsses pendores de Studart é o seu **Família Castro**, ligeiros apontamentos" dados à publicidade com as iniciais G.S. (Fortaleza, Tip. Econômica, 1883, de 130 páginas). Trata-se do esbôço genealógico dessa família, sua pelo lado materno, anexados ao livrinho um estudo sôbre os "Presidentes do Ceará" (p. 114) e outro sôbre o Capitão-mor Joaquim Barbosa, seu avô. Studart simpatizava vivamente a genealogia e legou-nos preciosos adminículos dessa ordem, notadamente no seu Dicionário Bio-Bibliográfico.

Porém não satisfeito com a escasseza de informações dos arquivos de sua terra resolveu ir à Europa, com o objetivo de ampliar as suas indagações.

Sabe-se que em 1884 fêz a primeira viagem ao Velho Mundo, sem contudo haver certeza de que a tenha efetuado com o propósito de dedicá-la a estudos históricos.

O certo é que em 1887, já de posse de fartos elementos elucidativos, adquiridos, sem perda de minuto, nas meias-horas

de folga do seu Consulado e do seu consultório, estava entre aquêles poucos que destemidamente fundaram o "Instituto do Ceará."

No dia 4 de março instalaram-no êle, Paulino Nogueira, Antônio Bezerra, Perdigão de Oliveira, Júlio César da Fonseca Filho, Padre Dr. João Augusto da Frota, Antonio Augusto de Vasconcelos e Joaquim Catunda, com a imediata adesão de Virgílio de Morais, José Sombra, Juvenal Galeno e a posterior de Virgílio Brígido.

Paulino Nogueira comentava fatos de nossa crônica histórica nos jornais, inclusive na **Quinzena**, órgão do "Centro Literário", em que publicou (ns. 3 a 8), sob o título — o **Padre Francisco Pinto ou a Primeira Catequese de índios no Ceará** (1) ensaio revelador de percuciente espírito de investigação.

Dos outros, só Joaquim Catunda havia dado aos prelos livro mais sério — **Estudos de História do Ceará** (Tip. do Libertador, 1886 com 197 ps.), muito criticado pelo ceticismo dos conceitos expendidos, mas em verdade "um pequeno monumento, porque o talento o cinzelou com arte no bronze eterno da idéia."

Galeno, Bezerra, Virgilio Brígido haviam publicado volumes poéticos, tão sòmente.

Na Revista do Instituto do Ceará, todavia, encontravam todos espaço amplo às suas produções e acabaram fazendo de suas páginas o suculento repositório que é, reconhecidamente famoso nos meios culturais do País e além-fronteiras.

Studart desde cedo se armou dos dotes de impulsor, orientador e organizador dessa Revista, a qual em muitas oportunidades sustentou sózinho para não permitir qualquer hiato na sua publicação ânua. O que não o privava — tal a sua capacidade de ação — de multiplicar-se, numa quase onipresença, em diversas outras tarefas, inclusive a de progressivamente enriquecer o seu documentário.

---

(1) Publicado em opúsculo, Fortaleza, Tip. Econômica, 1887, com 53 págs.

Dia por dia obtinha novos diplomas, novos papéis e os interpretava e divulgava, catalogados cuidadosamente, formando a admirável **Coleção Studart**, infelizmente sacrificada em parte após a sua morte.

O autor destas linhas, já ingresso no Instituto do Ceará, verificou a não existência dessa Coleção nos arquivos da sociedade e deu passos para obtê-la. Depois de pacientes tentativas o conseguiu, mas com os olhos rasos de tristeza ante o deplorável estado de conservação em que a deparou, relegada a uma cafua da casa em que morara o Barão e agora, realisticamente, serve de instalação de uma hospedaria de terceira classe.

Tudo em desalinho, estragado pelas águas que desciam do andar superior através do esburacado assoalho de madeira. Muitas das miscelâneas, inteiramente imprestáveis, irrecomponíveis.

Especial carinho foi empregado para salvar o mais que pudesse ser daquela congérie contristadora, expondo-se cada papel, semanas seguidas, aos processos de enxugo à sombra, porque ao sol tudo se esmaeceria.

Ainda assim, catorze das miscelâneas não puderam, em absoluto, ser restauradas, vindo-se a perder não diminuta porção do acêrvo que tantas fadigas e despesas custara ao insone colecionador.

O resto, guarda-o hoje o Instituto, refeitas as encardenações e convenientemente preservadas.

Ainda mais confrangeria dizer do destino que teve a biblioteca de Studart, assim como a sua mapoteca misteriosamente desaparecida.

V I

Em 1892, com a espôsa (casara-se em 1889 com Luísa da Cunha, filha dos Viscondes de Cauípe), empreendeu nova viagem à Europa, de onde só retornou em junho de 1893.

Foi quando Santana Néri o viu na Tôrre do Tombo, de

Lisboa, engolfado na leitura de papéis, meses a fio, o primeiro a chegar e o derradeiro a sair.

Fartou-se do material colhido e com êste pôde mandar a imprimir — **Notas para a História do Ceará (2ª. metade do Século XVIII)**, nas suas palavras mesmas "fruto de persistentes investigações feitas nas fontes as mais puras que me foi dado encontrar e para o que precisei despender longo e precioso tempo e não pequeno cabedal".

Em observação final acrescenta: — "Possuidor de grande cópia de documentos, que são uma revelação para a História do Ceará, não só pelo seu número que excede a dois mil, como por sua antiguidade, pois que remontam alguns ao primeiro quarto do século 17, pensei iniciar a publicação dêles. Mas uma publicação de documentos por mais interessante que fôssem, fazendo-se desacompanhada de considerações, de comentários, sem ligação, sem concatenação, iria constituir uma leitura enfadonha, convidativa apenas dos especialistas, dos amantes de antiguidades. Circunscrevia-se portanto a um pequeno número de pessoas. Resolvi por isso debuxar em largos traços um certo período da crônica do Ceará e ir entremeando trechos de documentos ou os documentos na sua íntegra, e dessa resolução surgiu êste volume, ao qual sucederão outros escritos pelo mesmo modo e obedecendo ao mesmo plano."

Com efeito, **Notas** é produto de demorado fôlego. Nelas se transcrevem 173 documentos e se retratam com tôda a fidelidade histórica as administrações do Ceará colonial, desde a de Luís Quaresma Dourado, iniciada em 18 de agôsto de 1751, até de Luís Mota Féo e Tôrres, finda em 1799.

Encastelado nas provas materiais que segurava, foi-lhe fácil analisar os enganos e as omissões dos que, como Alencar Araripe, Théberge e João Brígido, narravam os acontecimentos aqui e ali claudicantemente, à falta de informações estremes.

Do último, um tanto severamente, chega a afirmar, "sem receio da pecha de exagerado e injusto, que mal se aproveita-

rá para a verdade histórica a quarta parte do que êle há publicado". (1)

Pôde, dessa forma, selar as suas afirmações com o cunho da mais sisuda veracidade, característica de suas obras, ainda a mais ligeira. Apontar erros do Barão é motivo de eureka! pada quem tem a oportunidade de encontrá-los.

Durante a demora 1892-93 de Studart no Velho Mundo fêz imprimir também, na mesma Tipografia, o Catálogo ou **Relação dos Manuscritos, Originais e Cópias sôbre a História do Ceará**, constitutivos, até ali, da sua referida Coleção, ao todo 1.333 papéis, sem se compreenderem os transcritos em **Notas.**

Já agora nêste outro lado dõ Atlântico, na sua Fortaleza natal, retomou a direção da Revista do Instituto, que recebia a sua infalível colaboração. Deu início ao seu resumo cronológico, enfeixado em volume no ano de 1896 (1º e 2º tomos) sob a epígrafe — **Datas e Fatos para a História do Ceará.** (2)

São as **Datas** solícito breviário dos que desejam nortear-se com segurança na sucessão cronológica dos fatos e coisas cearenses.

"Nele (no livro) busquei consignar a verdade rigorosa dos fatos e das datas da Crônica Cearense, melhor estudados hoje graças aos documentos encontrados e, pois, tive de fazer correções aos escritos alheios e aos meus próprios". E aduz: — "A certas datas ajuntei os respectivos documentos, ora para corroborar afirmações minhas, ora para consignar costumes e usanças, ora para firmar datas memoráveis do nosso passado. Praticando assim obedeci a um plano que me tracei há muito de ir ajuntando materiais para o futuro historiador do Ceará".

Realmente, **Datas e Fatos** é manancial de linfa potável

---

(1) **Notas, p. 23**

(2) Tipografia Studart, 1º vol. com 525 ps. (Ceará Colônia) e 2º com 373 ps. (Ceará Província). O 3º Vol. é de 1924 (Ceará República Tip. Comercial, Fortaleza, 271 ps.).

com que obrigatòriamente se há dessedentado e se fartará êsse "futuro historiador", sequioso de pontos de partida a mais aprofundados estudos.

Enquanto isso, dois outros monumentos de bibliografia levantou silenciosamente o Dr. Guilherme Studart: os **Documentos** e o **Dicionário Bio-Bibliográfico.**

A primeira dessas obras, dedicada aos Cultores da História Pátria e da qual foram editados quatro volumes, respectivamente em 1904 (Tip. Studart. 309 págs. afora o Indice), 1909 (Tip. Minerva, 270 págs., idem), 1910 (Idem, 227 pgs.) e 1921 (Idem, 238 ps.), contém o teor de 332 documentos da Coleção (de 1603 a 1682).

"Inicio hoje — explica o autor, na introdução do 1º volume — a publicação dos documentos relativos à vida do Brasil Colonial; vejo assim realizado um dos mais queridos projetos. Do que me pertence faço, e de bom grado, partilharem os amantes da história pátria, tendo por certo que êles encontrarão algum subsídio aproveitável no cabedal que há anos vou acumulando e ora lhes é ofertado. A êste volume muitos outros se seguirão, se as fôrças, já tão alquebradas, m'o consentirem".

A outra, o **Dicionário,** vale emprêsa de grande armadura: — "Dei-me à fadiga de escrever êste livro, — são palavras da Apresentação — pois que a biografia é um dos elementos da história e fornece contingente de alto valor aos estudos da psicologia social." E mais: — "Dediquei-me à pesquisa sistemática dos fatos na sua origem por assim dizer puramente material, que constitui em metodologia o alicerce de tôda a investigação científica. Forneço fatos e os comento, relembro aspectos e caracteres, formas, tonalidades, faço uma sementeira de reminiscência, junto o disperso, fixo o flutuante, prendo o erradio ou fugitivo, integro coisas movediças e desassociadas, aponto para a imitação exemplos de honradez e civismo. Foi êste tão somente o meu intento. Já é uma tarefa e uma tarefa árdua".

Superlativamente árdua, pode dizer-se hercúlea, atenta a

circunstância de ter sido Guilherme Studart o primeiro no no gênero, o primeiro a furar clareira nessa floresta até então inexplorada.

De três volumes forma-se o **Dicionário:** o 1º, de Abel a João, Tipo-Litografia Cearense, Fortaleza, 1910, com 518 pg., afora "Acréscimos e Retificações" finais, 41 pg.; o 2º de Joaquim a Oto, mesma Tipografia, 1913, 429 ps., incluídos os "Acréscimos e Retificações"; e o 3º, de Paulino a Zózimo, Tip. Minerva, Fortaleza, 1915, com 290 ps., idem.

Começou a ser divulgado com o nome de **Pequeno Dicionário Bibliográfico Cearense,** nas páginas da Revista da Academia Cearense de Letras, anos de 1899, ps. 25-72; 1900, p. 6-9, e 1901, ps. 40-114. E contém desenvolvimento tão minucioso quanto possível de cêrca de 1050 biografias de pessoas nascidas no Ceará, evidente demonstração da trabalheira do autor, bastando para mais salientá-la adiantar que no Dicionário de Sacramento Blake, tão reputado, apenas se acham 62 verbetes relativos a personalidades cearenses.

Os verbetes da obra do Barão de Studart seguem o critério do prenome e não do nome de família e inúmeros dêles indicam pseudônimos de escritores, o que torna o livro ainda mais prestadio e interessante.

E êsse valimento cresce de ponto com as notas genealógicas introduzidas na descrição de cada biografado, facilitando por êsse meio as investigações dos nossos escafandristas de linhagens.

Outro acurado e utilíssimo trabalho de Studart é o — **Para a História do Jornalismo Cearense** (1824-1924), Tip. Moderna, Fortaleza, 1924, com 228 ps., no qual são catalogadas em ordem cronológica e acompanhadas de conveniente esclarecimento sôbre o respectivo caráter (político, literário, crítico, etc.) 1435 publicações periódicas do Ceará, desde a primeira ("Diário do Govêrno do Ceará, 1 de abril de 1824), o célebre jornal do inditoso Padre Mororó. Saíra em primeira edição em 1898 (Tip. Studart), chamando-se "Catálogo dos jornais de grande e pequeno formato publicados em Ceará" e

registando 507 publicações. Antes ainda, havia figurado na Revista da Academia Cearense, vol. de 1897, ps. 208, com anotação de 369 delas.

Ainda com o título — **Para a História do Jornalismo Cearense** continuou Studart o seu relacionamento, publicando na Revista do Instituto do Ceará (vol. 47, de 1933, ps. 143-159) lista de mais periódicos referentes aos anos de 1924 a 1932. O número total atinge, então, 1582.

Essa, aliás, é a última publicação do notável historiógrafo, quando já contava 77 anos de idade.

Não podemos deixar de considerar como condensação também central na bibliografia do Barão a sua **Geografia do Ceará**, publicada em 1924 (Fortaleza, Tipografia Minérva, 350 ps.) e escrita a pedido da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro para afigurar no livro a ser editado em comemoração ao 1º Centenário da Independência do Brasil. E' substancioso resumo histórico-geográfico, de consulta necessária.

V I I

Temos apreciado até agora sómente aquelas obras do infatigável publicista que entendemos constituirem as colunatas principais da soberba construção por êle levantada, credenciando-se para ingressar no panteão das nossas celebridades culturais.

Obra numerosa e cheia, a mais fértil de quantas sairam de cérebro cearense e que levou Capistrano de Abreu, sempre ríspido nos conceitos e incapaz de elogio fácil, a dizer-lhe, em carta escrita em 1904: — "E's realmente incansável, e feliz a hora em que, tendo de escolher um futuro, decidiste votar todo o teu esfôrço à

"Terra de Santa Cruz pouco sabida."

Teu primeiro esfôrço não encontrou acolhimento merecido, e isto deu-te uma certa atitude, como direi?, defensiva ou,

antes, agressiva. Agora és um mestre reconhecido e acatado; podemos portanto conversar calmamente sôbre o assunto". (1)

Anteriormente, Rodrigues de Carvalho já fizera a devida justiça, pedindo a atenção para o portento da bagagem intelectual de Studart.

"Entre todos os superiores homens do Ceará — proclamou na Revista da Academia, vol. de 1899, pag. 170 — o Dr. Guilherme Studart avantaja-se pela tenacidade com que colabora em tôdas as manifestações da inteligência nesta terra.

Tendo nas veias o sangue britânico e o sangue cearense — porque o cearense é um brasileiro à parte — o Dr. Studart na sua vida literária, pela inteligência, equilíbrio mental e dedicação absoluta é a revelação mais perfeita do espírito inglês: comedido e prático, e do cearense: inteligente e incansável.

Tôda essa atividade de vida intelectual do Ceará, pode afirmar-se, gira em tôrno do nome laureado do historiador cearense: com os seus conterrâneos trabalha no convívio de todos os dias; com a mocidade, serve de incentivo e facilita os meios materiais para a sua publicação de livros e revistas".

Assim mestre e amante da cultura mental é que o Barão pôde transmitir à sua terra, ao Ceará, ao Brasil vastíssimos elementos para a interpretação histórico-sociológica, a que se vem recorrendo e se há de recorrer sempre, no que toca especialmente à evolução cearense.

Além daqueles belos artefactos acima apreciados e apontados como suportes mestres do seu belo edifício publicitário, dezenas de outros, ferindo monogràficamente determinados aspectos da história do Ceará, se ajuntam para torná-lo maciço e indestrutível.

A Revista do Instituto do Ceará é o grande cofre dessas jóias guilherminas, muitas das quais tomaram independência em elegantes separatas.

---

(1) **Correspondência de Capistrano de Abreu, edição prefaciada por José Honório Rodrigues. Publicação do I.N.L. Rio, 1954, vol. I, p. 165.**

Documentos para a Biografia do Fundador do Ceará, (Fortaleza, Tip. Studart, 1895, 48 ps.), **Francisco Pinto e Luís Figueira — O mais antigo documento existente sôbre a História do Ceará** (Tip. Studart, 1903, com 127 ps.), **Martim Soares Moreno, o Fundador do Ceará** (Tip. Studart, 1903), **Documentos para a História de Martim Soares Moreno coligidos e publicados pelo Barão de Studart** (Tip. Minerva, 1905, com 116 ps.), **Das memórias do Jesuita Manuel Pinheiro** (Tip. Minerva, 1905), **Resenha de Cartas e Mapas do Ceará - Ligeira notícia dos seus Autores** (Tip. Minerva, 1906, com 74 ps.), **Administração Barba Alardo - Resumo Histórico** (1908), **Jesuítas e Jesuitismo** (Tip. Minerva, 1914), **Mártires da Confederação do Equador** (Tip. Minerva), 1924, com 26 ps.), são exemplos a destacar.

A história do Ceará não lhe podia esconder segredos. "Sabe-a de cór a salteado — acentuou Escragnolle Dória. Vê-a de alto e de baixo, na generalização e na minúcia. Para servi-la empreende viagens, trabalhos de monta, dedica-se a tarefas ligeiras, entremeando de há muito a história e o geografia, gêmeas da família do pensamento humano que nada conseguiu ainda desassociar".

Thiers cearense, chamaram-lhe com tôda a propriedade. Alexandre Herculano do Norte do Brasil, qualificou-o, sem favor, o velho historiador do Rio de Janeiro, José Vieira Fazenda.

Com efeito, além das realizadas em 1884 e 1892-93, esteve êle novamente na Europa, com objetivos culturais, em 1904, 1911 e 1914, surpreendido por ocasião desta última com o arrebentar da primeira Grande Guerra Mundial e sòmente podendo voltar à patria, em dezembro, após vencer sérios obstáculos.

O seu gênio investigador não o deixava parado. Os documentos que silenciosamente dormiam nos arquivos tinham que acordar, remexidos por êle. Se não dormia, não permitia que dormissem. E arrancou-os de lá do seu sono de poeira e

môfo para servirem de iguaria tentadora aos famintos das leituras de papiros preciosos.

Não sòmente para êles, no entanto, deve constituir objeto de sumo interêsse o conhecimento da estrita significação e amplitude do material de pesquisa acumulado pelo Barão de Studart.

Dêste acúmulo da mais excelente matéria prima teremos de lançar mão continuamente para obter os esclarecimentos críticos e, portanto, exatos, da nossa história regional nos seus vários aspectos, esclarecimentos êsses mais que indispensáveis à aprimoração educativa do homem civilizado e culto, que pretendemos ser.

A História ensina, em verdade, um patriotismo crítico e sadio, desenvolve certas qualidades de pensamento e de coração, fornecendo uma lição de tolerância e de humanidade — escreve Honório Rodrigues, resumindo o Professor Trevelyan, da Inglaterra.

E' pelo estudo da ciência histórica que nos imbuiremos dêsse "patriotismo crítico e sadio" e ganharemos sabedoria e compreensão, porque adestramos o nosso juizo político, ampliamos nossa simpatia e aprofundamos nossa consciência. (1)

Notadamente as gerações novas, que são as esperanças do mundo intranquilo de hoje, devem cair na leitura refletida do passado, que é ao mesmo tempo instrução e inspiração. Lembrem-se os moços que por fôrça da sua deseducação espiritual é que estamos vivendo essa universal intranquilidade.

E no dia em que tivermos ajuizado do perfeito valor da obra consistente e legítima de Studart e verificarmos quanto ela é capaz de contribuir para a interpretação dos fatos humanos neste querido trecho da pátria brasileira, — então haveremos de consagrar o nome do Grande Estudioso, exemplo e paradigma admirável, e fazer-lhe a justiça com que os po-

---

(1) **Teoria da História do Brasil**, S. Paulo, Inst. Progresso Editorial S.A. p. 15.

vos adiantados sabem galardoar o mérito e o esfôrço dos seus ilustres filhos.

Não foi para guardar-se bolorento e inútil nas prateleiras das bibliotecas que o velho Barão anos e anos manipulou o seu opulento cabedal de investigações. Pelo contrário, êste cabedal está cada vez mais se apresentando como desafio à inteligência e ao amor da cultura.

Studart o reuniu para "o futuro historiador do Ceará" — êle próprio o disse.